

# Uma abordagem sistêmica para as Teorias do Jornalismo

Pedro Celso Campos\*

## Índice

1 Claude Shannon e Warren Weaver	2
2 A Cibernética de Norbert Wiener	4
3 Os Teóricos de Chicago	7
4 A Escola de Frankfurt	9
5 Teorias do Jornalismo	12
6 A Abordagem Sistêmica e a Informação Circular	17
7 Bibliografia citada	22

*Todas as teorias são abstrações.*

*Nenhuma teoria por si só,  
revelará jamais a verdade.*

S. LITTLEJOHN

---

\*Doutorado em 2006, pela ECA-USP, com uma tese intitulada "Jornalismo Ambiental e Consumo Sustentável - Proposta de Comunicação Integrada para a Educação Permanente", sob orientação do Prof. Dr. Luiz Barco. Dessa tese foi retirado o presente artigo. É jornalista profissional desde 1969, graduado pela Universidade de Brasília, e há 12 anos ensina "Produção Jornalística - Técnicas de Reportagem e Entrevista" e "Jornalismo Impresso III" na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho-UNESP, campus de Bauru, onde é Coordenador de Ensino do Departamento de Comunicação Social. Entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008 fez seu Estágio Pós-Doutoral em Ciências da Comunicação na Universidade de Sevilha-ES, sob supervisão do Prof. Dr. Francisco Sierra Caballero.  
E-mail: pcampos@faac.unesp.br

## Resumo

Alcançado, permanentemente, por enorme volume de informações, o homem moderno nem por isto pode se considerar bem informado. Muitas vezes o excesso de notícias tem, paradoxalmente, efeito contrário. Porque isto ocorre? Porque não nos sentimos plenamente saciados em nossa sede por fatos novos? Os estudiosos da comunicação humana desenvolveram várias teorias para explicar o processo de produção e recepção de informações, desde o modelo matemático, que descreve a comunicação ponto-a-ponto, até o conceito de circularidade, já presente na Teoria Cibernética e hoje aplicado, especificamente, às Teorias do Jornalismo. Todos querem saber porque as notícias são como são e não como nós, seus usuários, gostaríamos que elas fossem. Neste artigo vamos estudar as teorias do jornalismo a partir de uma abordagem sistêmica.

**Palavras-chave:** Integração, Sistema, Circularidade, Jornalismo, Teoria.

## Abstract

The modern Man, though permanently seized by huge amount of information, cannot

consider himself well informed. Frequently the news excess has, paradoxically, the opposite effect. Why does this occur? Why do we not feel fully satisfied in our thirst for new facts? Human communication scholars have developed several theories to explain the process of information production and reception, since the mathematical model, that describes communication point-to-point, until the concept of circularity, already present in the Cybernetic Theory and applied today, specifically, to Journalism Theories. What everybody wants to know is why are news the way they are and not why we, as its users, would have preferred them to be. In this article we will study Journalism theories from a systemic approach.

**Keywords:** Integration, System, Circulatory, Journalism, Theory.

## 1 Claude Shannon e Warren Weaver

Não se pode compreender, corretamente, o fenômeno da comunicação sem estudar a Teoria da Informação, também conhecida como Teoria Matemática da Informação ou, ainda, Modelo Matemático, proposta pelos engenheiros americanos da Bell Telephone Laboratories, Shannon e Weaver, em 1948. Nascido em 1916, Claude Elwood Shannon começou a trabalhar na Bell em 1941, durante a II Guerra Mundial, como criptografista. A rotina de lidar com os códigos secretos levou-o, após sete anos, a formular as hipóteses presentes em sua monografia *The Mathematical Theory of Communication*. Em 1949 a Universidade de Illinois publicou a monografia de Shannon acrescida

dos comentários de Warren Weaver, coordenador de um projeto de pesquisa sobre grandes máquinas de calcular.

Além de seus estudos como matemático e de seu trabalho como criptografista, Shannon inspirou-se em trabalhos anteriores, como os do matemático Andrei Markov, em 1910, sobre as cadeias de símbolos na literatura; os de Ralph V. L. Hartley, em 1927, sobre a medição precisa da informação (que viria a resultar no *binary digit*, o *bit* da linguagem de oposição binária); os trabalhos de outro matemático famoso, o britânico Alan Turing que, em 1936, concebeu uma máquina capaz de tratar a informação e, finalmente, as pesquisas de John Von Neumann, que deram significativa contribuição para a construção da última grande máquina de calcular, pouco antes da chegada do computador, entre 1944 e 1946, por encomenda do Exército Americano interessado em cálculos mais exatos na medição de trajetórias balísticas.<sup>1</sup>

A história também registra que além da parceria com o coordenador de projetos Warren Weaver, Shannon contou com a inteligência de seu professor Norbert Wiener, fundador da ciência do comando e do controle, a cibernética (que estudaremos a seguir).

O modelo básico proposto pela teoria de Shannon é um esquema linear destinado a medir, quantitativamente, a emissão e recepção de um sinal à distância. Trata-se de estudar as possibilidades de redução das interferências, ou *ruídos*, que possam prejudicar a eficácia do sinal emitido, ou seja, Shannon busca o equacionamento de informação com previsibilidade estatística, duas quantidades que podem ser medidas com o logaritmo da recíproca da probabilidade. Era

<sup>1</sup>Cf. MATTELART, 1999, p. 57.

bem este o propósito de uma companhia telefônica como a Bell, visando maximizar e otimizar sua prestação de serviços ao consumidor final. Adaptado aos meios de comunicação de massa, e a outras disciplinas afins, o modelo apóia-se em seis pressupostos bem definidos: Uma *fonte* de informação produz uma *mensagem* (neste caso a palavra ao telefone), utilizando um *codificador* (a linguagem do emissor) que transforma a mensagem em oscilações elétricas, as quais percorrem um *canal* (cabo telefônico) sendo reconvertidas em *voz* (*decodificação*), completando o processo com a *destinação* (pessoa ou coisa à qual a mensagem é transmitida).

A preocupação da teoria com a eficiência da comunicação é o principal enfoque dos matemáticos Shannon e Weaver. Foi muito útil para medir a adequabilidade do tempo com a capacidade do canal transmissor e a quantidade de mensagens a serem transmitidas. Mesmo hoje, com os canais de fibra ótica ou com a transmissão por satélite, o modelo inicial é válido, do ponto de vista matemático.

Mas, na comunicação humana, não trabalhamos apenas com quantidades. Não se trata apenas de utilizar um canal, transmitir, certificar-se que a emissão teve bom êxito (através do retorno, ou *feed-back*). A mensagem comunicativa comporta uma intencionalidade, está filtrada por outros pressupostos que condicionam o teor emitido, seja por razões culturais, ideológicas, contextuais ou outras. Então é inevitável que falemos não apenas de quantidades matemáticas mas de qualidades intrínsecas. A própria noção de ruído é significativa porque não se trata da mera *estática* do campo eletro-magnético, mas de questões outras, como deficiências

de linguagem, de expressão ou de entendimento do texto, bem como a liberdade que o emissor tem para escolher a mensagem a ser transmitida. Assim, é possível dizer que a comunicação também envolve o processo de significação, do fazer sentido. Não é apenas a forma, mas igualmente o conteúdo, que assegurará o bom entendimento da mensagem.

Para o matemático Oswaldo Sangiorgi, da Universidade de São Paulo, não se pode atribuir à Teoria da Informação uma autonomia absoluta em relação à Teoria Geral da Comunicação - que trata dos aspectos qualitativos da mensagem transmitida - exatamente por sua ênfase quantitativa. Neste caso, conforme Sangiorgi, a TI seria apenas um capítulo (quantitativo) da Teoria Geral da Comunicação. Isaac Epstein, também da USP, compreende, igualmente, este aspecto parcial da TI. Em obra escrita em 1961, o professor de engenharia eletrônica da Universidade de Siracusa, Fazlollah Reza, reconheceu na TI um ramo novo da teoria da probabilidade, mas considerou que suas aplicações se destinam a um amplo espectro de áreas de investigação, tais como a matemática pura, o rádio, a televisão, o radar, a psicologia, a semântica, a economia e a biologia.<sup>2</sup>

Do ponto de vista de Shannon, a comunicação é um dado bruto, mas os conceitos de informação, transmissão, codificação, decodificação, redundância, ruído e liberdade de escolha serão refinados no contexto interdisciplinar com a introdução de outras variáveis de pesquisa. Para Mattelart,<sup>3</sup> “o modelo de Shannon induziu a uma abordagem da técnica que a reduz a um instrumento. Essa perspectiva exclui toda a problematiza-

<sup>2</sup>Cf. BELTRÃO e QUIRINO, 1986, p. 172.

<sup>3</sup>Op. cit., p. 61.

*ção que definiria a técnica em outros termos que não os de cálculo, planejamento e previsão”.*

Neste sentido, quando aplicamos a TI ao jornalismo, não podemos deixar de lado a responsabilidade ética e social do jornalista, do mesmo modo que seria ingênuo ignorar que o jornalismo é uma atividade econômica, onde estão presentes os imperativos dos custos operacionais e da esperada remuneração do capital investido. Desse modo, ao produzir sua informação, com o seu próprio estilo e de acordo com suas habilidades de escolha e de seleção, o jornalista situa-se como mero mediador entre o fato acontecido – ou a declaração dada – e todos os demais interessados na questão, tanto do lado do sistema de comunicação (a empresa, os editores etc) quanto do lado do receptor que está à espera de uma informação útil à sua vida.

Mesmo assim, entretanto, nesse empenho em busca da qualidade informativa, o processo de quantificação estará sempre presente na produção da mensagem. Isto se dá, por exemplo, quando o profissional produz o *lead* da matéria, reunindo ali o máximo de informações no menor espaço possível para informar *quem fez o que, quando, onde, como e porque*, deixando as informações menos importantes para o “pé” da matéria de tal modo que eventual corte por falta de espaço não prejudique o teor da mensagem.

Com tais observações queremos constatar apenas que, para o jornalismo de qualidade, a eficiência da informação não está relacionada apenas com a forma técnica, mas, também, com os conteúdos da mensagem, com a boa apuração, o bom texto, a edição à altura, o compromisso social.

Isto em nada reduz o brilho da TI, in-

clusive porque toda teoria é parcial e deixa algo de fora, concentrando-se em certos aspectos à custa de outros, conforme o objetivo da pesquisa.<sup>4</sup> Certamente a *Bell Telephone Laboratories* não pensava no jornalismo quando financiou as pesquisas de seu criptografista Claude Shannon, entretanto, como destaca Edgar Morin, essa “hibridação” de conhecimentos - no caso específico da Teoria da Informação e em inúmeros outros exemplos - tornou-se possível com o avanço da abordagem sistêmica que permitiu a articulação de áreas diversas como a engenharia, a matemática, a geografia, a geologia, a bacteriologia, a zoologia, a botânica etc. reunindo cientistas policompetentes que possuem, ademais, a competência dos problemas fundamentais desse tipo de organização [sistêmica] do conhecimento.<sup>5</sup>

## 2 A Cibernética de Norbert Wiener

No mesmo ano em que Shannon escreveu sua monografia, 1948, seu professor, Norbert Wiener, (graduado na Universidade de Harvard aos 18 anos, sempre ligado ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts-MIT, desde 1919), publicou *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and Machine* (“Cibernética: ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina”), obra que está na base da teoria da automação industrial e da ciência dos computadores. Aqui também a preocupação é com o grau de exatidão da informação que sempre comportará certo nível de *entropia*, que é a tendência de todos os sistemas à desorganização interna,

<sup>4</sup>Cf. LITTLEJOHN, 1982, p. 4.

<sup>5</sup>Cf. MORIN, 2003, p. 111.

como ocorre na natureza que destrói o ordenamento, precipitando a degradação biológica. Essa tendência ao *caos* igualmente se verifica nos processos sociais, constituindo permanente ameaça em confronto com a ordem estabelecida. Nos processos de comunicação, a *entropia* (termo emprestado da Física: de acordo com a Segunda Lei da Termodinâmica, “a quantidade de calor na qual se transformou certa quantidade de trabalho não pode mais ser inteiramente recuperada na mesma quantidade de trabalho originária”) manifesta-se através de eventuais limitações de código do emissor, falhas técnicas, deficiências de linguagem, manipulações ideológicas, concentração dos meios etc, o que também pode ser percebido na outra ponta, envolvendo as limitações do receptor para alcançar o pleno conteúdo da informação.

Pode-se entender como complementares os estudos de Shannon e de Wiener, pois enquanto a Teoria da Informação estuda a “reprodução, em um ponto dado, de maneira exata ou aproximativa, de uma mensagem selecionada em outro ponto”, a Teoria Cibernética define que “a soma de informação em um sistema é a medida de seu grau de organização”. A *entropia*, segundo Wiener, é, exatamente, esse grau de desorganização. A verificação do grau de *entropia* se dará através do retorno (*feedback*) obtido pelo emissor, surgindo, então, o conceito de circularidade da informação<sup>6</sup>, que é um avanço so-

<sup>6</sup>O princípio do circuito retroativo, introduzido por Norbert Wiener, permite o conhecimento dos processos auto-reguladores. Ele rompe com o princípio da causalidade-linear: a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa, como no sistema de aquecimento, em que o termostato regula o andamento do aquecedor. Esse mecanismo de regulação permite,

bre o conceito de linearidade (comunicação ponto-a-ponto) proposto por Shannon, como veremos ao tratar da Abordagem Sistêmica, no final deste artigo.

Ainda em termos comparativos, enquanto Shannon evita comentar a evolução da sociedade, Norbert Wiener insiste nos riscos da entropia, condenando, por exemplo, o aumento do controle dos meios de comunicação que acabaram em mãos daqueles que se preocupam acima de tudo com o poder e o dinheiro. Esta concentração dos meios, tão acentuada em nossos dias, é o principal entrave para um jornalismo mais democrático e mais aberto aos interesses diretos do receptor. No caso do jornalismo ambiental, a restrição é ainda maior, tendo em vista tratar-se de um ramo do jornalismo científico que não raro entra em confronto com as preocupações de poder e de dinheiro denunciadas pelo pai da cibernética.

Em que consiste, precisamente, a teoria de Wiener?

Ela compara os sistemas de comunicação e controle de aparelhos produzidos pelo homem com aqueles dos organismos biológicos. Podem ser feitas muitas comparações como, por exemplo, o processamento de da-

aqui, a autonomia térmica de um apartamento em relação ao frio externo. De modo mais complexo, a “homoestasia” de um organismo vivo é um conjunto de processos reguladores baseados em múltiplas retroações. Em sua forma negativa, o círculo de retroação (ou *feedback*) permite reduzir o desvio e, assim, estabilizar um sistema. Em sua forma positiva, o *feedback* é um mecanismo amplificador; por exemplo: a violência de um protagonista provoca uma reação violenta, que, por sua vez, provoca uma reação mais violenta ainda. Inflacionárias ou estabilizadoras, são incontáveis as retroações nos fenômenos econômicos, sociais, políticos ou psicológicos”. Cf. MORIN, 2003, p. 94.

dos nos computadores e várias funções do cérebro. O princípio da comunicação, tanto no cérebro do emissor humano, quanto no computador, é a seleção da mensagem a ser emitida, dentro de um leque de possibilidades, como se dá no procedimento de código binário (*binary digit*). Na verdade, ainda que o princípio seja o mesmo, o computador é uma extensão do cérebro humano, uma vez que as combinações cada vez mais variadas e mais firmes de circuitos integrados que se completam, operando a uma velocidade altíssima, possibilitam imenso poder de seleção relativamente a elevado número de dados.

Novamente, aqui, podemos questionar se a capacidade de disponibilizar um excessivo volume de informações – referimo-nos à mídia em geral e não aos computadores em si – é “um bem ou um mal”, para usar a expressão do professor Luiz Barco<sup>7</sup> na avaliação da escola pública no Brasil. É bom que tenhamos, em nossa sociedade de consumo, muito mais opções de escolha do que tinham nossos avós antes da televisão, da Internet, do celular, dos satélites etc. Mas é mal que nos sintamos cada vez mais confusos com a avalanche de informações redundantes, superficiais, manipuladas ou simplesmente erradas (por causa da pressa em informar para concorrer). Neste caso um alto nível de entropia – na forma de dúvida e confusão mental – instala-se ao nível do receptor que certamente gostaria de receber informações fidedignas e de qualidade.

Não é difícil concluir que, embora o formalismo matemático apresente-se como uma

<sup>7</sup>Cf. BARCO, L. *Escola, um bem ou um mal?* Trabalho de livre-docência apresentado à ECA-USP, São Paulo, em 1989.

racionalização lógica da equação comunicativa, definindo claramente seu funcionamento como convém a toda demonstração matemática, jamais poderemos menosprezar o processo criativo e subjetivo da mensagem comunicativa. A ficção científica está repleta de maravilhosos textos em que as máquinas atingiriam uma complexidade tal que assumiriam o controle da vida humana (como o supercomputador Hall, em *2001 Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrik) ou textos nos quais a própria sociedade funcionaria com a cadência de uma máquina que não precisa pensar (como em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, obra que teria inspirado um filme emblemático como *Matrix*, dos irmãos Washowsky). Entretanto podemos nos tranquilizar com Aristóteles que nas primeiras páginas da “Política” já observava que a principal diferença do homem em relação a toda criatura, inclusive as suas, é a capacidade de discernir entre o moral e o imoral. É o livre arbítrio. O direito de duvidar é a base da indagação científica. É próprio do ato de comunicar o gesto de duvidar, a inclinação ao ceticismo com vistas a encontrar a versão mais confiável dos fatos, após intensa checagem. Para Aristóteles, a **surpresa** é o começo do conhecimento e este resulta do recebimento de informação. Descartes elevou a dúvida à categoria de princípio da Filosofia. Mas ele mesmo reconheceu que quem duvida não pode duvidar que duvida.

O comunicador que não se basta com o modelo quantitativo da informação, que não aceita verdades peremptórias e imutáveis, fatos prontos e acabados, normalmente dá margem à dúvida mesmo quando tudo parece tão obviamente explicado. Esse potencial de visão crítica, no mundo tecnológico em que vivemos, será extremamente útil para nos lem-

bramos que “a intuição humana contrapõe-se à lógica mecânica”, como menciona Luiz Barco ao descrever a grandiosidade do gênio da Matemática, Kurt Gödel (1906-1978), também inspirador de um belo filme (*Mente Brilhante*):

Naturalizado americano e contratado como professor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, Gödel falava pouco. Gostava da solidão. Abrigava-se na cantina da Universidade para fugir à curiosidade dos visitantes. Ele demonstrou que mesmo dentro de um sistema rigidamente lógico, como o que foi desenvolvido para a Aritmética, podem ser formuladas proposições que são *indecidíveis*, *indemonstráveis* (...) isto foi tão perturbador no séc. XX quanto a revelação de Hiparcos, no séc. IV a. C. sobre a existência de grandezas incomensuráveis. Na verdade, quando Gödel garantia que os formalistas são limitados, estava mostrando, em síntese, que o homem será sempre superior à máquina. (BARCO, 1993, p. 55 e 56).<sup>8</sup>

Reportando-nos, claramente, ao exercício do jornalismo, principalmente quando nos dirigimos a futuros profissionais da mídia, a partir da Teoria da Informação, podemos nos socorrer, aqui, das oportunas conclusões de BELTRÃO e QUIRINO:

O que poderia ser feito pelos profissionais da Comunicação conscientes de sua função social? Sem dúvida alguma, aproveitar as contribuições da Teoria da Informação e aplicá-las às atividades que desenvolvem, cada um no seu próprio ramo da Indústria da Comunicação. Nessas atividades do dia-a-dia, não podem ser esquecidos os

aparelhamentos aperfeiçoados que lhes facilitam a tarefa...mas não pode ser esquecida, igualmente, a noção de Cibernética, concebida como ciência que estuda o processo de obtenção do máximo de informações com o mínimo de deformações. Não pode ser esquecida a pesquisa de opinião pública através de processos estatísticos que avaliam a reação da audiência a partir de amostras significativas. (Op. cit., p. 179)<sup>9</sup>

### 3 Os Teóricos de Chicago

Enquanto a cibernética de Wiener permite comparar sistemas de comunicação humanos e mecânicos – como cérebros e computadores – outros pesquisadores formulam a questão em termos de relações entre o homem e o meio ambiente. Como o ser humano reage ao espaço à sua volta? O que acontece quando o homem já não está mais “espalhado” pelo campo e se concentra nos espaços urbanos? Qual o papel da informação neste novo contexto? Essa abordagem pragmática da comunicação marcou a Escola de Chicago que, da década de 1910 até a década de 1940, estudou o papel da ciência na resolução dos grandes desequilíbrios sociais. Operando com a pesquisa etnográfica (monografias de bairros, observação participante e análise das histórias de vida), os estudiosos de Chicago estavam filiados à filosofia americana do pragmatismo preconizada pelo pedagogo John Dewey (1859-1952) e pelo psicossociólogo George Herbert Mead (1863-1931). Esse pragmatismo influenciou sobretudo Charles Horton Cooley (1863-1929) que estudou o impacto organizacional dos transportes ao analisar os fenômenos e pro-

<sup>8</sup>BARCO, 1993, p. 55 e 56.

<sup>9</sup>BELTRÃO, L. e QUIRINO, N., 1986, p. 179.

cessos comunicativos no agrupamento humano.<sup>10</sup>

Também conhecido como “ecologia humana” (termo inventado em 1859 pelo biólogo alemão Ernest Haeckel), esse estudo identificava os grupos sociais que apareciam no processo de urbanização, destacando o chamado “grupo primário” caracterizado por Colley como aquele que preserva uma associação e cooperação íntimas. Colley acreditava na capacidade do grupo primário de manter-se unido e preservado nos espaços urbanos e industriais, enquanto outros, na mesma época, entendiam que tais grupos se diluíam, normalmente, na sociedade, reconfigurando-se em outros níveis grupais, menos coesos e identificados-11. A convicção de Colley era que o indivíduo é capaz de uma experiência singular, única, que traduz sua história de vida, mesmo enquanto é submetido às forças de nivelamento e homogeneização do comportamento urbano.

A tensão entre o indivíduo e a sociedade realça o papel da comunicação seja realimentando as convicções do indivíduo (crenças, virtudes, tradições etc) seja relativizando a vida em sociedade (consumismo, moda, violência, banalização da morte). A riqueza dessa grandiosa epopéia humana está exatamente nesse entrechoque das convicções individuais com a homogeneidade dos fatos coletivos. Daí surgem as grandes histórias de vida, o aspecto mais importante do jornalismo que é a emoção, identificada com a qualidade da informação, como contrapartida de um jornalismo frio, meramente quantitativo, estatístico ou numérico. O jornalista observador e criativo, que parte do fato real acontecido ou declarado,

<sup>10</sup>Cf. MATTELART, op. cit., p. 35.

e desenvolve um perfil em profundidade, ou um livro-reportagem corretamente documentado, através da observação participante, certamente estará oferecendo ao leitor uma visão mais completa, uma abordagem mais ampla, uma explicação melhor. Por sua singularidade – que muitas vezes opera como exemplo virtuoso na sociedade – a história de vida é um método de apuração jornalística que anula a validade universal da proposição de Aristóteles, segundo a qual, “só há ciência no geral”. Pelo contrário, pode haver ciência no particular e no subjetivo. O que ocorre é que, muitas vezes por vias paradoxais, esta ciência resulta em um conhecimento geral. Conhecimento e “reconhecimento”, no sentido de que a informação nos traz o conhecimento sobre o fato ou a pessoa, mas sua história de vida, se bem narrada, nos leva a reconhecer ali um exemplo admirável (e por isto o jornalista selecionou aquela história para contar).

A partir das constatações de Cooley, outro pesquisador da Escola de Chicago, Robert Ezra Park (1864-1944), aprofundou os estudos sobre “ecologia humana” usando a metodologia etnográfica. Militante da causa negra, Park preparou sua tese de doutorado aos 39 anos, em Heidelberg, conceituando “massa” e “público”. Como repórter experiente em grandes investigações jornalísticas, ele elegeu como forma superior de reportagem as pesquisas sociológicas que iria realizar nos bairros da periferia. Trata-se de ver a cidade como laboratório social (com seus significados de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação); como lugar da mobilidade (por exemplo, a migração interna nos EUA e a integração dos imigrantes à sociedade americana). Park vai analisar o papel da informação dentro desse

cenário social, identificando o que é jornalismo - voltado para o interesse público - e propaganda - ideológica ou social.<sup>11</sup>

As relações étnicas (competição, conflito, adaptação, assimilação) nas comunidades de imigrantes, são estudadas por Park como aspectos dessa ecologia humana que concebe toda mudança – seja na divisão do trabalho ou nas relações entre a população e o solo - no âmbito de um pensamento do equilíbrio, da crise e do retorno ao equilíbrio, bem de acordo, também, com o princípio de *entropia* presente não apenas na Teoria da Informação, mas na própria Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFY, 1930). Assim, a comunicação é vista como uma espécie de direção e controle, encaminhando-se sempre para o consenso (ordem moral) com o objetivo de regular a competição, permitindo aos indivíduos, desse modo, partilhar uma experiência, vincular-se à sociedade, sentir-se parte do todo.

Quando a matéria jornalística bem apurada revela aspectos da pessoa humana que está atrás, ou bem no meio, dos fatos, o que o jornalista está fazendo, na verdade, é retirar a pessoa da prateleira de números e lhe dar vida, resgatando sua identidade, seu sentimento de pertença à comunidade humana, eliminando, de algum modo, o perverso sentimento de exclusão. Cláudio Abramo tem um bom exemplo:

Existe o jornalista que só conta o fato: um muro caiu na cabeça da dona Maria e ela morreu debaixo de 35 tijolos. Mas outro dirá que o muro caiu porque o dono do terreno se recusou a gastar dinheiro e usou um suporte ruim, que ameaçava cair. Aí começa-se a desenvolver o que se passa, da narrativa do

fato para a crítica social. (ABRAMO, 1988, p. 110).<sup>12</sup>

Não resta dúvida que o pragmatismo da Escola de Chicago tem muito a nos ensinar enquanto jornalistas. Desde que, por pragmatismo, entendamos, principalmente, a necessidade de dar conta do todo, como fez Park, a partir da pesquisa sobre os grupos minoritários e mesmo sobre os indivíduos cuja história poderá ter interesse para o conjunto da sociedade. Afinal, nem sempre precisamos concordar com Aristóteles.

#### 4 A Escola de Frankfurt

Amada por uns, diminuída por outros, a Escola de Frankfurt é síndrome de amor e ódio no estudo da comunicação no Séc. XX. A Teoria Crítica dela emanada levou Umberto Eco a classificar de “apocalípticos” os que vêm na “indústria cultural” uma espécie de fim da história, e de “integrados” os que se acomodam com a situação rendendo graças e louvores ao “deus mercado”. Veiculado pela primeira vez em 1947, por Horkheimer e Adorno no texto *A Dialética do Iluminismo*, o conceito de Indústria Cultural está baseado na existência de uma categoria de operadores culturais que produzem para as massas, usando na realidade as massas para fins de lucro, ao invés de oferecer-lhes reais ocasiões de experiência crítica.<sup>13</sup> A TV, por exemplo, reduz o mundo a fantasmas e bloqueia, portanto, toda reação crítica e toda resposta operativa nos seus adeptos, segundo a Teoria Crítica.

A exemplo da corrente Funcionalista, a Escola de Frankfurt – inspirada num mar-

<sup>12</sup>Cf. ABRAMO, 1988, p. 110.

<sup>13</sup>Cf. ECO, 1993, p. 19.

<sup>11</sup>id. *ibid.*, p. 30.

xismo em ruptura com a ortodoxia, buscando uma junção entre Marx (interpretação da história) e Freud (psicologia do profundo) - concebe a idéia de uma mídia todo-poderosa, capaz de decidir a vida das pessoas, capaz não somente de adaptar seus produtos ao consumo das massas, mas também de determinar esse consumo. (Por exemplo, quando a Disney adapta o clássico de Victor Hugo – *O Corcunda de Notre Dame* – para o cinema/TV, a história é “adocicada” para se tornar mais palatável ao consumidor). Assim, a Indústria Cultural pretende alienar e não conscientizar; acomodar e não incitar à reflexão crítica. Seus produtos teriam apenas a função de *a) ser comercializados; b) promover a deturpação e a degradação do gosto popular; c) obter uma atitude sempre passiva dos seus consumidores*. Como são feitos para serem vendidos, os produtos da Indústria Cultural jamais devem desagradar os compradores. A produção, então, é homogeneizada e nivelada por baixo.<sup>14</sup>

Financiada por empresários da comunidade judaica, a Escola operava sob a denominação de Instituto de Pesquisa Social, filiado à Universidade de Frankfurt, sendo a primeira instituição alemã de pesquisa com orientação abertamente marxista. Quando eclodiu o nazismo hitlerista, os pesquisadores exilaram-se nos Estados Unidos e a Universidade de Columbia lhes cedeu um de seus prédios onde, a partir de 1938, Max Horkheimer(1895-1973), Leo Löwenthal e Theodor Adorno (1903-1969) passaram a trabalhar. Mais tarde chegou Herbert Marcuse (1898-1979). Outro integrante da Escola, Walter Benjamin(1892-1940), exilou-se na França. Atualmente, o principal her-

<sup>14</sup>Cf. OLIVEIRA, 2003, p. 13.

deiro da Escola é o filósofo alemão Jürgen Habermas, nascido em 1929. Depois da Guerra, Adorno e Horkheimer voltaram para a Alemanha. Löwenthal ficou nos EUA, onde desenvolveu notáveis estudos sobre cultura de massa, passando a trabalhar no Departamento de Estado, como responsável pelo setor de Avaliação dos programas de rádio, ligando-se a estudos sobre **A Voz da América**, durante a guerra fria.

Também ficou nos EUA o filósofo Herbert Marcuse, como professor da Universidade da Califórnia, tornando-se um ícone da juventude dos anos 60 por sua intransigência crítica em relação à cultura e à civilização burguesas. Pretendia desmascarar as novas formas de dominação política. Em *O Homem Unidimensional*, ele escreveu:

Sob a aparência de um mundo cada vez mais modelado pela tecnologia e pela ciência, manifesta-se a irracionalidade de um modelo organizacional da sociedade que subjuga o indivíduo ao invés de libertá-lo. A racionalidade técnica, a razão instrumental reduziram o discurso e o pensamento a uma dimensão única que promove o acordo entre a coisa e sua função, entre a realidade e a aparência, a essência e a existência. Essa “sociedade unidimensional” anulou o espaço do pensamento crítico. (MATTELART, 1999, p. 81).<sup>15</sup>

Enquanto os escritos de Adorno e Horkheimer – que marcaram, por sua clareza, numerosas gerações de intelectuais – eclipsaram-se no final dos anos 70, os escritos de um dos membros mais polêmicos e originais da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, voltaram a despertar interesse

<sup>15</sup>Citado por MATTELART, 1999, p. 81.

nos anos 80. Um de seus escritos mais famosos, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de 1933, vai além da visão adorniana da conjunção entre arte e tecnologia na qual se poderia notar uma certa nostalgia de uma experiência cultural independente da técnica, ou mesmo um protesto erudito contra a intrusão da técnica no mundo da cultura, uma defesa da sacralização da arte, como analisa Matelart.<sup>16</sup> Para Benjamin, uma arte como o cinema, por exemplo, só tem razão de existir no estágio da reprodução, e não no da produção única. Fascinado por Paris – onde viveu a maior parte de seu exílio antes de se suicidar na Espanha ao ser perseguido pela polícia franquista – Benjamin passou a estudar a própria cidade. Influenciado pela fenomenologia de Husserl, voltou sua atenção para as manifestações de superfície, os detalhes, os fragmentos das ruínas da história, buscando reconstituir a totalidade perdida, conforme sua obra inacabada *O livro das passagens, Paris, capital do século XIX*.

Para completar este “olhar” sobre o que foi a Escola de Frankfurt na teorização dos meios de comunicação, resta comentar o trabalho de Habermas sobre o conceito de *espaço público*. Esse espaço de mediação entre Estado e sociedade – permitindo a discussão pública, pelo confronto de idéias e opiniões esclarecidas – desenvolveu-se com a constituição de uma “opinião pública” em fins do século XVII na Inglaterra e na França. Segundo ele, o desenvolvimento das leis de mercado, sua intrusão na esfera da produção cultural, substituem, hoje, esse princípio de “comunicação pública” por formas de

comunicação cada vez mais inspiradas em um modelo comercial de fabricação da opinião, como se a sociedade estivesse passando por um novo tipo de “feudalismo”. O cidadão tende a se tornar um consumidor de comportamento emocional e aclamatório. A comunicação pública dissolve-se em atitudes estereotipadas de recepção isolada. Em *O Espaço Público*, Habermas se interessa pelo fenômeno do consumismo em expansão nos Estados Unidos, tema que envolve a chamada geração *baby boomer*, hoje com alto poder de consumo, caracterizada como uma “bolha” de explosão demográfica no pós guerra. Parte dessa geração está a caminho de outro “fenômeno” populacional preocupante para os analistas da ONU: O enorme contingente de aposentados e idosos que sobrecarregará os institutos previdenciários de vários países, com graves consequências para as economias nacionais. Em 2020 mais de 30 milhões de brasileiros – 13% da população estimada – terão mais de 60 anos. De 1991 a 2000, a população acima de 75 anos cresceu 49,3% no Brasil

Voltando a Habermas, a solução que ele propõe para uma comunicação mais eficaz, do ponto de vista do receptor, é a restauração do espaço público estendido ao conjunto da sociedade. Naturalmente isto nos devolve à idéia da democratização dos meios de comunicação em contraposição à centralização em poucas mãos como ocorre hoje no mundo inteiro.

Mas, será que a Teoria Crítica é acatada por todos sem discussão? Por mais brilhante que seja, a argumentação dos frankfurtianos não apresenta “furos”? Quais os pontos mais polêmicos dessa visão cultural dos meios de comunicação lastreada no funcionalismo? Não se pode negar o objeto de es-

<sup>16</sup>Cf. op. cit. p. 79.

tudo da Teoria Crítica, ou Cultura de Massa, que aborda, em resumo, o predomínio do critério mercantil, desde a concepção até a produção das obras culturais; o forte traço manipulatório da ideologia dominante; a tendência à padronização e ao rebaixamento do nível estético da maioria dos produtos. É um modo de ver que já está presente em Marx, quando observa que não são as idéias (superestrutura) que governam o mundo, são as forças produtivas, vez que elas ditam as tendências e as idéias.

Para os críticos da Cultura de Massas, essa conceituação não pode pretender abranger a totalidade do fenômeno cultural, pois a cultura jamais se deixa submeter integralmente pela categoria mercantil. Se isso pudesse ocorrer, a cultura deixaria de ser uma *praxis - status* que o próprio Adorno lhe atribuiu, portanto deixaria de ser cultura. Além do mais é necessário reconhecer que o modo de produção capitalista não existe apenas para satisfazer os interesses particulares da burguesia, mas, também, como um processo histórico, um momento da história universal.<sup>17</sup> Nesse processo histórico os meios evoluem, surgem novas tecnologias e não se pode aplicar a mesma análise a todos os veículos sem levar em conta suas especificidades, como no caso da TV, que Adorno mal chegou a conhecer, ou de um fenômeno tão recente como a Internet.

Mesmo atacando o conformismo, a alienação, o esvaziamento crítico das pessoas, as idéias da Escola de Frankfurt acabaram se tornando um discurso conformista, como se as pessoas se sentissem inúteis, nada podendo fazer perante o poderio da racionalidade técnica, por isto quedariam em suas

confortáveis poltronas, ou nos cafés intelectualizados, apenas criticando a indústria cultural sem nada fazer, sem apresentar solução, sem projeto, num embotamento geral.

O próprio jornalismo acaba nessa vala comum do conformismo agindo com tal espírito no instante mesmo em que produz a informação que deveria ser transformadora, reflexiva, contundente, historicamente contextualizada.

Certamente isto deve começar a mudar a partir de bons cursos de jornalismo onde a reflexão crítica não seja um privilégio mas uma norma de estudos. Por isto mesmo estudaremos, a seguir, especificamente, as teorias do próprio jornalismo.

## 5 Teorias do Jornalismo

Nos anos 40, quando surgiram, no Brasil, os primeiros cursos de jornalismo (Decreto-Lei nº 5.480, de 13 de maio de 1943), a nova disciplina, mais valorizada a partir da regulamentação profissional conferida pelo Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, (com a exigência do diploma de nível superior), apoiava-se nos corpos teóricos da filosofia, sociologia, psicologia, antropologia etc. Até hoje, em universidades de renome, os concursos para professor de jornalismo incluem bibliografia dessas áreas e não é raro que disciplinas relacionadas com a produção técnica do texto jornalístico sejam ministradas por professores de Ciências Humanas, Letras, Filosofia etc quando deveriam ser aplicadas por jornalistas devidamente qualificados para tal. Entretanto, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação na década de 60, o jornalismo foi adquirindo *status* dentro do universo da comunicação. É bem verdade que muitas Fa-

<sup>17</sup>Cf. GENRO, 1987, p. 101.

culdades ainda fazem uma boa mistura de jornalismo com relações públicas, publicidade e propaganda, e até turismo. Entretanto, seguindo orientações da própria CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior) a favor de linhas de pesquisas identificadas com áreas de concentração mais claramente delimitadas, muitos cursos superiores já estão se definindo em departamentos de Jornalismo, de Técnicas Jornalísticas ou de Jornalismo e Editoração. Eles substituem os antigos e amplos departamentos de Comunicação Social surgidos nos anos 60/70 por influência do CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina), implantado pelos americanos em Quito (Equador), com abordagem claramente colonialista, em plena ditadura brasileira.

A influência do CIESPAL se fez sentir já em 1961, quando Luiz Beltrão criou o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, optando pelas linhas de pesquisa emanadas de Quito. Por toda a América Latina, tais linhas destinavam-se a produzir dóceis técnicos de comunicação que não incomodassem o *establishment*, que se limitassem a reproduzir a visão burguesa de mundo que favoreceria o ingresso dos investimentos estrangeiros desejados pelos militares. Naturalmente era um contexto bastante impróprio para a reflexão crítica ou para teses como a de Lênin sobre a necessidade do jornal partidário enquanto “organizador coletivo”, o que abriu espaço para a chamada Imprensa Alternativa que fez o contraponto da mídia conivente durante os anos de chumbo. Naquela época – e tampouco hoje – não havia interesse em discutir a questão da concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos proprietários e muito menos

o caráter comercial da mídia. Ontem como hoje - e não é só no Brasil – “o jornalista coloca seu talento, honestidade e ingenuidade a serviço do capital com a mesma naturalidade com que compra cigarros no bar da esquina”, deixou registrado o saudoso professor Adelmo Genro, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Esta é a mesma opinião de Allan Accardo, do “*Le Monde Diplomatique*”, de Serge Halime<sup>18</sup>, de Gay Talese (a respeito, por exemplo, da cobertura da imprensa americana, inclusive do “New York Times”, na invasão americana do Iraque) etc.

Felizmente, nessa mesma época, isto é, na década de 60, surgiu no Brasil o um novo jornalismo (Revista “*Realidade*”, “*Jornal da Tarde*”) que trabalhava na fronteira com a Literatura, possibilitando a conjunção do real acontecido com o imaginário criado para dar a esse mesmo real um novo colorido, tornando-o palatável, agradável, didático, dialético, sem jamais alterar a essência do que realmente aconteceu ou foi declarado.

Com esse novo modo de fazer jornalismo produzindo uma abordagem diferenciada, mais criativa, e os cursos de pós-graduação avançando a melhoria da qualidade do ensino de jornalismo e da pesquisa na área acadêmica, tornou-se possível, então, falar em um corpo teórico próprio desta nova disciplina, como veremos a seguir, tentando responder a um pressuposto básico: Porque as notícias são como são?

Na primeira metade do séc. XIX, desenvolveu-se a chamada Teoria do Espelho. O jornalista é um Super Homem. Tem a sagrada missão de eliminar os Coringas e

<sup>18</sup>Cf. *Os Novos Cães de Guarda*. São Paulo: Vozes, 1998.

Máscaras que incomodam o sistema. Seu produto é uma transmissão não expurgada da realidade, um espelho. As notícias são como são porque a realidade assim exige. A função do jornalista é contar o que viu ou ouviu, doa a quem doer. O jornal é um contra-poder, uma arma política. O jornalista milita no partido do dono do jornal. O jornal é o próprio partido. Pratica-se um jornalismo fortemente opinativo onde poucas pessoas têm a missão diária de combater o Mal e defender o Bem. A dificuldade é definir o que é o Mal (talvez o “eixo do mal”) ou o que é o Bem (talvez uma multinacional que vem gerar “milhares” de empregos..). A ideologia perpassa o jornalismo, por isto é sempre muito perigoso deixar tamanha responsabilidade em poucas mãos, sob o risco de se cometerem terríveis injustiças.

Entretanto, o jornalismo patriarcal e artesanal vai sendo substituído pela empresa industrial na virada para o séc. XX, embora continue sendo administrado por “famílias” mesmo neste novo período empresarial. Em alguns países, como nos EUA, já existem os cursos para jornalistas desde as primeiras décadas do novo século. Assim, o mercado se moderniza, os repórteres se profissionalizam e os governos nacionais vão se democratizando. O jornalismo adquire um papel social importante. Agora o jornalista deve ter a cautela de não imiscuir opinião no texto informativo. Ocorre, assim, a separação entre “fatos” e “opiniões”. O novo paradigma é adotado pelas agências de notícias que começam a surgir: Havas (França), Associated Press (EUA), Reuters (Inglaterra), Wolfe (Alemanha) etc. Isto propicia o surgimento, nos anos 20 e 30, do conceito de Objetividade (do qual trataremos no final deste livro) que vem reforçar a Teoria do Espelho, con-

denando todo tipo de subjetivismos quando se trata do texto informativo. Cumpre retratar a realidade tal qual é. Walter Lippman, no célebre *Opinião Pública*, de 1922, chega a aconselhar os jornalistas a se vacinarem contra a subjetividade recorrendo ao método científico.<sup>19</sup> É preciso fazer um jornal cirurgicamente correto.

Nos anos 1950, a pesquisa acadêmica já está mais avançada. O mundo mudou depois da guerra. A geopolítica global agora envolve interesses específicos. Os americanos iniciam uma corrida mundial para vencer a guerra fria através dos controles regionais. O exército americano - ou a “ajuda humanitária” - se faz presente, estrategicamente, por todo o globo. Inicia-se um processo de hegemonia com a mundialização cultural (que traz o *rock*, o *jeans*, a *coca-cola*, os *shopping centers*, os astros de *Hollywood*, ...os glamourosos tempos da brilhantina, os supermercados etc) e a globalização dos mercados (com a Organização Mundial do Comércio-OMC, o FMI, os blocos de livre-comércio). Os jornais, impressos a cores, instalados em modernos edifícios, equipados com parques gráficos de alta qualidade, já não se limitam a passar a realidade como ela é, simplesmente. A notícia precisa ser selecionada, editada, trabalhada, tratada, copidescada, reescrita. Além de informação, a notícia precisa comportar uma certa estética (a ponto de vários jornais, inclusive europeus, terem “maquiado” uma foto veiculada no mundo todo por ocasião do atentado terrorista em Madri, em 11.03.2004, eliminando uma perna humana arrancada, que aparecia no canto esquerdo inferior, como veremos no Capítulo 6, ao tratar do fotojornalismo). As notícias não são

<sup>19</sup>Cf. TRAQUINA, 2004, p. 147 - 148.

como são porque a realidade assim exige, mas porque os editores e demais *gatekeepers* (controladores) assim querem. É a Teoria da Ação Pessoal, ou do *Gatekeeper*, proposta por David Manning White. A idéia foi tirada de um artigo publicado em 1947 pelo psicólogo social Kurt Lewin sobre decisões domésticas relativas à compra de alimentos para a família, enquanto a expressão, propriamente, foi inspirada num estudo sobre a atividade de um jornalista de meia-idade de um jornal médio norte-americano, Mr. Gates, que anotou durante uma semana os motivos que o levaram a rejeitar as notícias que não usou.<sup>20</sup> É preciso selecionar o que interessa ao público. As notícias publicadas resultam da intencionalidade. Não são sequer produto da organização jornalística, mas das convicções, quase exclusivamente psicológicas, de uma só pessoa instalada na burocracia da empresa jornalística.

Um exemplo do poder pessoal conferido ao editor pela Teoria da Ação Pessoal, é o caso do jornal "*Washington Post*" que denunciou o Escândalo Watergate, em 1973. O Editor-Chefe confiou nos repórteres e tomou a decisão de publicar as informações da fonte fornecidas em *off*. Mas, e se as informações fossem incorretas? Ao invés da queda de Nixon ocorreria a queda do jornal, ou pelo menos do Editor, com graves conseqüências para a imagem da publicação, sem contar os pesados processos por injúria, calúnia e difamação.

Também nos anos 1950, surgiu a Teoria Organizacional, lançada pelo sociólogo norte-americano Warren Breed, em 1955, reeditada em 1993, baseada em seu estudo intitulado *Controle Social da Redação: Uma*

*análise funcional*. A premissa é que o jornalista está inserido na organização para a qual trabalha. Ele acaba se conformando mais com as normas editoriais da organização do que com quaisquer crenças pessoais que leve consigo para o trabalho. Não raro a própria norma editorial transforma-se em biombo para a acomodação diante da profissão. Ninguém dirá claramente ao "foca" qual a política editorial da empresa, mas ele a sentirá presente no ar, num primeiro momento, e depois entranhada no próprio sangue quando chegarem os primeiros fios de cabelo branco sem ter mudado de emprego. O jornal torna-se *cosa nostra*. A "visão de mundo" da empresa ou o seu modo de "ver as coisas", vai se infiltrando na mente do funcionário-jornalista *au fils du temps*, para usar a oportuna expressão do professor de jornalismo da Universidade do Porto, Nelson Traquina, 2004.<sup>21</sup>

Mas, quais são os interesses de uma organização jornalística? Avulta, aqui, de pronto, a dimensão econômica lembrada por Marx. Naturalmente os interesses da empresa são os mesmos interesses da elite econômica e empresarial do país, os quais, por sua vez, são os mesmos interesses da elite governamental que dirige o país, pois mesmo quando se elege um presidente de esquerda, a necessidade de acordos com a "base aliada" acaba em uma política de subserviência aos dogmas do mercado, visando a estabilização da moeda, como se vê no Brasil, presentemente.

O que se pode dizer, portanto, da Teoria Organizacional é que ela não é melhor nem pior que a Teoria do Espelho – pois a realidade é sempre fabricada, isto é, está sujeita aos "filtros" do observador – ou que a Te-

<sup>20</sup>TRAQUINA, op. cit., p. 149 - 150.

<sup>21</sup>id. ibid., TRAQUINA, 2004, p. 153.

oria da Ação Pessoal – com a qual guarda muita relação, além de ser sua contemporânea. O que se pode afirmar é que, sob tal abordagem, as notícias não são como são porque a realidade assim exige ou porque o *gatekeeper*, isto é, o jornalista, as quer assim. As notícias são como são porque a Organização Empresarial (vale dizer, as elites) assim decidiu e para isto conta com editores de confiança dentro da redação. Eles vão praticar aquele jornalismo de reverência que Serge Halimi<sup>22</sup>, professor da Universidade Paris III, identifica na imprensa francesa e que denuncia, com ênfase, em seu ontológico “*Les nouveaux chiens de garde*”, no qual escreve:

A grande imprensa se atribui o papel de ‘quarto poder’, isto é, além do Executivo, Legislativo e Judiciário. Dentro do Estado ela desempenharia a função de controle externo do poder, do lado da sociedade civil. Será? Será que seus vínculos fundamentais são com a cidadania ou com os centros de poder que, por sua vez, se conectam promiscuamente com o Estado? [...] Diz-se que um jornal é vendido duas vezes. Primeiro para as agências de publicidade. Depois para o leitor.

É oportuno observar, entretanto, que o jornal não é apenas um produto que parte das elites – como bem observa Halimi. Ele também é um produto que se dirige às elites. Mesmo o noticiário da televisão – que deveria ter uma linguagem referencial para a generalidade das classes sociais que o acompanham – muitas vezes parece falar para si mesmo, como ventríloquo, ou para meia dúzia de iniciados no assunto, muitas vezes não só por causa do assunto em si, mas porque a

<sup>22</sup>Cf. HALIMI, op. cit., p. 8.

anterioridade à qual a notícia se refere não é retomada, como se todo o público estivesse acompanhando as edições daquele telejornal todos os dias, tal qual seus próprios editores, repórteres e apresentadores. A própria pauta já privilegia temas que interessam muito mais à elite que ao conjunto da sociedade em geral. Por isto o jornalismo é frívolo e desinteressante como as próprias elites em seu mundo de superficialidades, frieza, consumo conspícuo e desinformação. Como já alertavam Adorno e Horkheimer, aqui o consumidor da informação não é o sujeito da informação, é mero objeto da indústria cultural. Serve para quantificar o Ibope e comprar coisas ou serviços. A comunicação começa nas elites e volta para ela, num circuito (ou sistema) fechado que só aparentemente está aberto a todos. Estudaremos a abordagem sistêmica ainda neste capítulo.

Chegamos, então, à quarta teoria do jornalismo descrita pelo professor Nelson Traquina. É a Teoria da Ação Política. Ela prosperou nas décadas de 1960 e 1970, em meio à onda de protestos nos espaços universitários, quando os jovens franceses celebravam os famosos Três M: Marx, Mao e Marcuse. Aquela geração protestava contra a estrutura acadêmica conservadora reivindicando a modernização dos currículos, contra a guerra do Vietnã, contra as usinas nucleares, contra a sociedade estabelecida, contra as tradições em geral, contra os padrões e paradigmas da época. Queriam uma sociedade de paz e amor, onde fosse proibido proibir.

E o que esperavam do jornalismo os jovens de 60? Que ele fosse mais honesto, mais comprometido com os interesses da sociedade, que – na qualidade de Quarto Poder – correspondesse às enormes expectativas da própria teoria democrática. Assim,

em oposição à idéia reducionista e positivista da objetividade, surgiram estudos sobre o conceito de Imparcialidade. Foi um período também influenciado pela visão social de Antonio Gramsci, pela problematização da linguagem (com Roland Barthes em 1967) e pela escola culturalista britânica (Hall e outros, em 1978).

Pela nova ótica, o jornalista está a serviço da sociedade, não de si mesmo ou da empresa. Assim, as notícias são como são porque a sociedade assim o quer. Com as novas mídias, com a televisão, com a ampla exposição aos veículos de comunicação, com os multi-meios, o público é mais exigente e pune o veículo com cartas de reclamação (hoje com e-mails) ou cancelando a assinatura, ou mudando de canal, quando percebe que o veículo está subestimando sua inteligência (bem ao contrário da visão adorniana presente na Teoria Crítica). Para fidelizar o receptor, para não perder mercado – muito mais que por amor a ideais considerados românticos – o jornal trata de indagar sobre os interesses da sociedade, através de seus institutos de pesquisa.

Tudo estaria perfeito se as empresas jornalísticas não vissem neste novo modelo a brecha para pesquisar também o gosto popular pelo espetáculo, pelo mórbido, pelo escandaloso. Com um olho no público-alvo e outro no Ibope, as empresas jornalísticas passam a operar o *marketing* de resultado (ou "*marketing* de guerrilha") identificando tudo aquilo que pode, de algum modo, aumentar o alcance do veículo, seja em número de assinaturas, seja em aparelhos de TV ligado, pois essa pontuação será convertida em “milhões” na tabela de faturamento do Departamento de Publicidade.

Nos anos 1990, o *marketing de guerrilha*

incluía até mesmo a distribuição de fascículos de enciclopédia, pacotes de semente, jogos de montar etc dentro dos jornais. Depois surgiu o *telemarketing* que transforma o telefone em ponto de venda. Com a Internet, na virada do milênio, os jornais se duplicaram, isto é, têm uma versão tradicional impressa para o dia seguinte, mas têm uma “segunda alma”, uma “outra vida” dentro da rede mundial de computadores onde podem exercitar sua versão eletrônica, concorrendo com a mídia do mesmo nome, principalmente com a TV.

Do ponto de vista do capital, até que tudo saiu bem, muito embora o pesado endividamento sobre algumas empresas que ousaram investir mais por um mercado maior, tanto no impresso como no eletrônico, onerando-se em dólar. Quanto às Teorias do Jornalismo, continua sendo difícil justificar, pragmaticamente, porque as notícias são como são. Os tempos mudam e as teorias vão tentando explicar os fatos à luz da mudança. “*As teorias representam vários modos como os observadores vêem o meio à sua volta, mas as teorias não são, em si mesmas, a realidade. Muitos teóricos esquecem esse princípio. Com frequência os estudantes são ludibriados pela concepção de que a realidade pode ser vista nesta ou naquela teoria*”, afirma Stephen W. Littlejohn, da Humboldt State University-EUA.<sup>23</sup>

## 6 A Abordagem Sistêmica e a Informação Circular

Se é complicado definir, categoricamente, as motivações da imprensa, talvez ajude estudar o contexto em que se dá o processo de comu-

<sup>23</sup>Cf. op. cit., p. 4.

nicação de massa. Neste breve olhar sobre as teorias da comunicação vimos a ênfase quantitativa no experimento de Shannon, onde já estavam presentes os conceitos de redundância, *feedback*, linearidade, ruído, entropia etc. Mas foi a Teoria Cibernética que desenvolveu, nos anos 1940, o princípio da circularidade da informação como processo comunicativo, incorporando as bases da Teoria Geral dos Sistemas formulada, no final dos anos 1930, pelo biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, o qual, por sua vez, inspirou-se nos estudos que o matemático e filósofo inglês Alfred North Whitehead realizou, na década de 1920, sobre uma filosofia fortemente orientada em termos de processo. Na década de 1940, Bertalanffy tentou combinar os vários conceitos do pensamento sistêmico e da biologia organística em uma teoria formal dos sistemas vivos. Embora desconhecido no ocidente, antes de Bertalanffy um outro pesquisador formulou uma abordagem sistêmica que incluía também os elementos não vivos. Foi o médico, filósofo e economista russo Alexander Bogdanov, que deu nome à sua teoria de “Tectologia”, do grego “tekton” (construtor), o que pode ser traduzido como Ciência das Estruturas. Esta foi a primeira tentativa, na história da ciência, para chegar a uma formulação sistêmica dos princípios de organização que operam em sistemas vivos e não vivos, apresentada como Ciência Universal da Organização e definida como “a totalidade de conexões entre elementos sistêmicos”. Bogdanov distinguiu três tipos de sistemas: Complexos organizados (onde o todo é maior que a soma das partes); Complexos desorganizados (onde o todo é menor que a soma das partes) e Complexos neutros (onde as atividades organizadora e de-

sorganizadora se cancelam mutuamente).<sup>24</sup> A estabilidade e o desenvolvimento de todos os sistemas podem ser entendidos por meio de dois mecanismos organizacionais básicos: formação e regulação. A dinâmica da formação consiste na junção de complexos por intermédio de vários tipos de articulações. Enfatiza, em particular, que a tensão entre crise e transformação tem importância fundamental para a formação de novos complexos. Podemos perceber com mais clareza através de exemplos citados por Edgar Morin, quando trata da interdisciplinaridade:

A noção de informação, originada da prática social, adquiriu um sentido científico, preciso, novo, na teoria de Shannon, depois, migrou para a Biologia para se inserir no gene, onde foi associada à noção de código genético. A Biologia Molecular muitas vezes esquece que, sem essas noções de herança, código, informação, mensagem de origem antropossociomorfa, a organização viva seria ininteligível. [...] Mais importantes são as transposições de esquemas cognitivos de uma disciplina para outra. Assim, Claude Lévi-Strauss não poderia ter elaborado sua antropologia estrutural sem os frequentes encontros que teve em Nova York - nos bares, parece - com R. Jakobson, que já havia elaborado a lingüística estrutural; além disso, Jakobson e Lévi-Strauss não se teriam conhecido se ambos não fossem refugiados da Europa: um escapara da Revolução Russa, algumas décadas antes, o outro deixara a França

<sup>24</sup>Blaise Pascal já afirmava três séculos atrás: "Uma vez que todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas estão presas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes". Cf. MORIN, op. cit. p. 116.

ocupada pelos nazistas. [...] um poderoso antídoto contra o fechamento e o imobilismo das disciplinas vem dos grandes abalos sísmicos da História (inclusive uma guerra mundial), das convulsões e revoltas sociais, que, por acaso, provocam encontros e trocas que permitem a uma disciplina disseminar uma semente da qual nascerá uma nova disciplina. (MORIN, 2003, p. 108 - 109) <sup>25</sup>

Assim como Bogdanov, outros cientistas utilizavam, em sua época, os termos “sistema” e “pensamento sistêmico”, mas foram as concepções de Bertalanffy de um sistema aberto e de uma Teoria Geral dos Sistemas que desenvolveram o pensamento sistêmico moderno como um movimento científico de primeira grandeza. Com o forte apoio subsequente da cibernética, as concepções de pensamento sistêmico e de teoria sistêmica tornaram-se partes integrais da linguagem científica estabelecida e levaram a numerosas metodologias e aplicações novas como a engenharia de sistemas e a análise de sistemas.

Estudando a teoria de Bertalanffy, Norbert Wiener a entendeu como uma “lógica da mente”, uma abordagem unificada dos problemas de comunicação e controle, propondo, então, um novo nome: Cibernética, do grego *Kybernetes* (timoneiro). Logo a Cibernética ganhou espaço próprio nos estudos científicos, pois os ciberneticistas não eram nem biólogos, nem ecologistas. Eram matemáticos, neurocientistas, cientistas sociais e engenheiros. Concentravam-se em padrões de comunicação, especialmente em laços fechados e em redes, o que derivou em teorias afins, todas relacionadas com o funcionamento de sistemas, como a própria Teoria das Redes (aplicada atualmente por Pierre

<sup>25</sup>Cf. MORIN, 2003, p. 108 - 109.

Levy et al no estudo do hipertexto), a Teoria dos Gráficos, a Teoria dos Compartimentos, a Teoria do Caos (que comporta a noção de entropia), a Teoria dos Jogos (desenvolvida por Neumann para explicar o comportamento dos jogadores supostamente “racionais” para obter o máximo de ganhos com o mínimo de perdas mediante adequadas estratégias contra o outro jogador), a Teoria dos Autômatos com entrada (*input*) e saída (*output*) que pode ser aplicada no sistema de aprendizagem pelo modelo de tentativa e erro e que foi a base da Máquina de Turing capaz de imprimir a combinação binária de “1” e “0” numa fita, ao infinito, conforme já vimos antes. Também surgiram, daí, a Teoria da Decisão (baseada na Teoria Matemática que trata de escolhas entre alternativas), a Teoria da Fila (destinada à otimização de arranjos em condições de aglomeração) etc.

A partir da Teoria Geral dos Sistemas, os ciberneticistas desenvolveram os conceitos de realimentação, auto-regulação e auto-organização. Como também já vimos, os estudos cibernéticos estavam ligados à pesquisa militar norte-americana interessada na precisão de canhões anti-aéreos. Além de Norbert Wiener e Claude Shannon, os militares contavam com outros matemáticos e engenheiros renomados, como o já citado John Von Neumann e Warren McCulloch. As pesquisas conduziram a estudos relacionados com os mecanismos neurais subjacentes aos fenômenos mentais e o desafio era expressá-los em linguagem matemática explícita, criando uma consciência exata da mente, essa parte do corpo humano ainda tão desconhecida.

A abordagem sistêmica, sendo estritamente interdisciplinar, permite integrar as várias especialidades que caracterizam a ci-

ência moderna mediante a interligação da complexa rede de dados, técnicas e estruturas teóricas de cada campo, aproximando-nos da meta da unidade da ciência, além de ser um importante meio para alcançarmos uma teoria exata nos campos não físicos ou morfogenéticos (como veremos no estudo do *Jornalismo Literário Avançado*).

A este propósito, o físico indiano Amit Goswami, professor de Física na Universidade do Oregon e de Física Nuclear Teórica na Universidade de Calcutá, propõe um novo paradigma científico que prevê um salto “quântico” em relação ao cartesianismo que separa a realidade em mente (o âmbito da religião) e matéria (o âmbito da ciência) propondo, assim, uma janela visionária para a espiritualidade. Para Amit o paradigma separatista newtoniano – baseado em Descartes - saiu-se vitorioso no universo capitalista porque foi bem sucedido na explicação do cosmo sem Deus, sem consciência. Hoje, porém, a situação de mal-estar que caracteriza o ser humano a partir de qualquer abordagem filosófica, só poderá ser vencida com o intercâmbio entre a ciência e a espiritualidade.<sup>26</sup>

Não podemos compreender o processo de comunicação somente à luz do paradigma separatista. Matemáticos, engenheiros e ciberneticistas explicam friamente o processo técnico da comunicação, mas trata-se de uma ênfase quantitativa que nem sempre privilegia os amplos espaços da intencionalidade, do contexto, das diversas influências que passam o processo comunicacional. É certo que do ponto de vista lógico uma redação de jornal é como uma caixa preta – conforme a imagem proposta por Umberto Eco. Ela

<sup>26</sup>Cf. GOSWAMI, 2000, p. 12.

recebe todo tipo de dados e informações (*input*), durante o dia, e no outro dia toda aquela montanha de dados sai (*output*) devidamente organizada e sistematizada para cumprir sua função de informar. É um modelo matematicamente correto, tecnicamente explicado. Entretanto, segundo a Teoria de Bertalanffy, esse sistema precisa ser alimentado, o que se fará através do planejamento da edição (que inclui as tarefas do pauteiro, a infra-estrutura de apoio operacional) etc. O sistema também precisa de retro-alimentação e isto virá com a resposta (*feedback*) do receptor. Nem sempre essa resposta será linear como defendia uma antiga teoria conhecida como Teoria da Agulha Hipodérmica, que aplicava o modelo matemático de Shannon à comunicação de massa, imaginando que os meios agiam instantaneamente sobre a mente do receptor dirigindo sua conduta como se fosse um autômato.

Com o nível de informação dos dias atuais (basta lembrar que uma edição do **New York Times** contém mais informação do que aquela que as pessoas do séc. XVII conseguiam ter em toda a sua vida) não seria tão fácil levar as pessoas a acreditarem na invasão da terra pelos marcianos como fez Orson Welles na **Rádio Mercury Theater** numa transmissão para o Dia das Bruxas de 1938, a partir da novela de H. G. Wells, *Guerra dos Mundos*, ainda que não se possa subestimar o poder de persuasão da televisão, conforme o segmento de público atingido. Nem o talento de Spielberg conseguiu fazer da refilmagem de *Guerra dos Mundos*, exibido em julho de 2005, um grande sucesso. O jovem de hoje – nascido e criado no computador e nos jogos interativos - não se interessa por enredos menos complexos que *Matrix*, por exemplo.

O que se observa, de fato, é que a maioria das teorias tradicionais não dão conta de explicar, satisfatoriamente, o processo comunicacional porque, fundamentalmente, não existe uma comunicação direta entre emissor e receptor. O que existe é a intercomunicação de sistemas. Como descreveu Bertalanffy, os sistemas são abertos e estão relacionados com inúmeros subsistemas, acima ou abaixo. Se conceituarmos a redação do jornal como um sistema de comunicação, veremos que trata-se de um sistema aberto a outros sistemas que o alimentam com informações (fontes), que asseguram sua sobrevivência física (empresa), que corrigem seus desvios (pesquisa, concorrência, mercado), que selecionam o que será publicado (repórteres, editores) etc. Podem ser vistos como subsistemas os demais vínculos de cada um desses sistemas com outros, como, por exemplo, no caso da empresa, os fornecedores de matéria-prima, os anunciantes, os bancos etc. Todavia, como já vimos que toda teoria é parcial na medida em que não dá conta de explicar totalmente a verdade dos fenômenos - e é isto que impulsiona o processo de conhecimento, através da pesquisa - também a Teoria Geral dos Sistemas é passível de crítica. Para Habermas (1987),<sup>27</sup> por exemplo, "a Teoria de Sistemas, ao concentrar-se exclusivamente sobre os mecanismos de regulação sistêmica, negligencia a questão da 'mudança no caráter da liberdade', introduzido pela separação dos sistemas de ação do mundo da vida e, sobretudo, a respeito dos impulsos prático-morais de seus membros".

Certamente Habermas está se referindo aos variados graus de consciência individual,

<sup>27</sup>Cf. HABERMAS, *Teoria de la Acción Comunicativa*, Madrid: Taurus, 1987, p. 451.

isto que Nietzsche chamará de "vontade de potência", diante da realidade concreta. Com efeito, os graus de liberdade do indivíduo variam não apenas em decorrência da situação vivida, mas de sua formação ética, moral, cultural etc. Assim, não basta explicar, mecanicamente, o funcionamento dos sistemas. É necessário perceber a rica e incomensurável variedade de sentidos que a ação do indivíduo exerce no interior do processo.

Feito o recorte crítico, é adequado reconhecer que o sistema (de comunicação) se desarticulará (Teoria do Caos,) se não conseguir entrar em contato com outro sistema de igual grandeza, o sistema de recepção da mensagem, formado pelos leitores do jornal (ou telespectadores da TV etc). Do mesmo modo que o sistema de uma redação está ligado aos sistemas das demais redações formando o sistema comunicacional, também o sistema do receptor está interligado com o sistema das representações sociais.

Ao abordar a "estética da recepção", o filósofo Hans Robert Jauss (1994), já citado, refere-se a uma valorização do receptor, na literatura moderna, a ponto dele determinar o contexto de produção do discurso. Para se retro-alimentar e corrigir permanentemente sua rota - como um sistema que se autoregenera e por isto sobrevive - o sistema de comunicação precisa valorizar a opinião do seu receptor, respeitá-la, acatá-la, levá-la a sério. Na mesma medida, cumpre ao sistema receptor organizar-se, dentro da sociedade civil, para cobrar qualidade e ética dos meios de comunicação.

Concluiremos, assim, que a Teoria Geral dos Sistemas, confirmando de certa forma, A Teoria da Ação Política, está a nos mostrar que o bom êxito da comunicação não se encontra, separadamente, na emissão ou na

recepção, mas na contextualização do processo. Sendo assim, se considerarmos que o sistema do receptor está interconectado com o sistema social de recepção, teremos que as notícias devem ser como a sociedade quer e não como os jornalistas ou as organizações querem. Essa idéia de circularidade da informação está presente já na formulação de Lazarsfeld<sup>28</sup> sobre a importância dos formadores de opinião. Para ele a comunicação não é um processo meramente vertical ou linear. Ela comporta uma horizontalidade (sistêmica) segundo a qual os formadores de opinião são o primeiro degrau na instância de recepção da mensagem.

Na família ou no trabalho sempre encontramos alguém “explicando” as notícias do dia. E porque é preciso explicá-las? Porque a mídia, no seu elitismo, apresenta-se de costas para o sistema do receptor. Os vários segmentos de público que integram o sistema social recebem de modo diferenciado a mensagem comunicativa. Cada pessoa entende de um modo. Isto explica porque, nas pesquisas eleitorais e nas apurações sobre o índice de popularidade do Presidente da República, por exemplo, são as classes menos favorecidas e menos letradas que demoram mais para se manifestar, enquanto as classes mais altas são as primeiras a reagirem (*output*) positiva ou negativamente por entenderem melhor o que estão recebendo (*input*) do sistema de comunicação. Naturalmente os estrategistas de *marketing* político servem-se desse “hiato de compreensão” para ganharem eleições ou corrigirem rotas (alimentação da imagem midiática), enquanto há tempo.

<sup>28</sup>Cf. MATTELART, 1999, p. 47 - 48.

## 7 Bibliografia citada

- ABRAMO, C. *A Regra do Jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BARCO, L. *Escola, um bem ou um mal?* Trabalho de livre-docência apresentado à ECA-USP, São Paulo, em 1989.
- BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. O. *Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa*. São Paulo: Summus, 1986.
- ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GENRO, A. *O Segredo da Pirâmide - Para uma Teoria Marxista do Jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GOSWAMI, A. *A Janela Visionária*. Trad. de Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2003.
- HABERMAS, J. *Teoria de La Acción Comunicativa I e II*. Madrid: Taurus, 1987.
- HALIME, S. *Os Novos Cães de Guarda*. Trad. de Guilherme Teixeira. São Paulo: Vozes, 1998.
- LITTLEJOHN, S.W. *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MATTELART, A. e M. *História das Teorias da Comunicação*. Trad. de Luis Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.
- MORIN, E. *A Cabeça Bem Feita*. 8.ed. Trad. de Eloá Jacobina. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, I. C. A de. *Teorias da Comunicação*. Para de Minas: Virtual Books Online M&M Editores, 2003. Disponível em [www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br)

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo*. v. 1. Florianópolis: Insular, 2004.